VENTRE URBANO

LETÍCIA PALMEIRA E LIZZIANE AZEVEDO (ORG.)

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

CAPA
Luyse Costa

DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P172v Ventre Urbano / Letícia Palmeira e Lizziane Azevedo, organizadoras -
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2016.

92 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-107-4

1. Contos 2. Literatura paraibana I. Título.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Pipoca doce

Amanda Vital

Reconhecia, de longe, o cheiro de milho com açúcar queimado vindo da cozinha. Era quase um culto ecumênico, como se Deméter se unisse a Ísis e ambas construíssem seu próprio templo. O fogão da minha mãe só podia ser abençoado pelas deusas. Caminhava pelos corredores e ouvia os estalos da pipoca dedilhando meus sentidos numa acolhedora sinestesia. Sem ritmo, só a melodia me convidando para entrar. A panela sempre bem polida exalava um calor em brasa e prosa, a mão delicada mexia a colher de pau de cabo longo e o vapor soprava os cabelos de minha mãe, melhorando a vista. Comer pipoca doce era nosso maior divertimento: era quando eu mais a conhecia. Ela gostava das pipocas menores e com mais calombos de açúcar cristalizado na crosta, porque eram rígidas e passavam mais tempo na boca. Às vezes, escondia a pipoca entre os

dentes e as bochechas, e a deixava lá, derretendo feito uma hóstia na solenidade do primeiro pecado. "Agora está derretendo o caramelo", e mostrava com orgulho a língua de linhas tortas e amarronzadas, com as gotas vagueando pelo veludo. "Ih, saiu todo o caldinho, parece um isopor murcho". Nossas mãos disputavam os grãos mais besuntados, os dedos quase se entrelaçando no final da cumbuca. Mas os dela, infinitamente mais corteses, saíam com os grãos cada vez mais brancos. Às vezes, ela apenas catava, um a um, e se demorava neles. Hoje em dia, sou eu quem garimpo. E se encontro um grão de pipoca na rua, encontro uma pérola fora da corrente.

Nosso cordão nunca foi o umbilical.

Relicário

Anna Apolinário

Agosto começou frio e incisivo. A lua despontava em seu esplendor crescente. Nina cumpriu seu ritual noturno, após um café e alguns cigarros, seguiu para a biblioteca da universidade, passos embalados por uma voz feminina nos fones de ouvido. Tentava seguir com sua serenidade peculiar, porém algo se agitava em seu íntimo, estava inquieta, submersa em desconcertantes devaneios.

A canção suave que ela escutava contrastava com seu alterado estado de espírito. Um turbilhão de pensamentos atordoavam-lhe. Pensamentos dos quais ela tentava fugir. Acendeu mais um cigarro, caminhava furtivamente entre as pessoas que cruzavam seu caminho, a biblioteca aproximava-se como um templo de salvação, entrou descompassada e sentou-se aliviada. Permaneceu quieta por um momento, então abriu o caderno e tentou escrever algo, o

que não conseguiu, levantou e pôs-se a perambular entre as estantes abarrotadas de livros empoeirados, tentando sentir a energia das palavras e versos, os segredos e sentimentos guardados nas páginas.

Enquanto caminhava pela seção de literatura inglesa, seu olhar foi raptado por um exemplar de capa dura vermelha. O livro suscitou-lhe uma lancinante lembrança, aquele era o romance que ele costumava ler para ela após terem feito amor. Lembrou-se de como gostava de escutar o tom rouco da voz dele narrando aquelas histórias, subitamente os sons, toques e gostos estavam todos novamente acesos em sua mente.

Mordeu o lábio, quase a ponto de machucá-lo, um arrepio percorreu-lhe a nuca tatuada. O frisson espalhou-se pelas espáduas e ancas. Nina ergueu o vestido para observar as manchas arroxeadas na coxa, vestígios deixados por aquele homem que a possuiu com furor naquela noite de julho. Mesmo após vários dias, o desejo dele ainda ornava sua pele alva com rastros cor de ametista, que lentamente desvaneciam. Crivada de pensamentos obscenos, sentiu-se líquida, úmida, o sangue volvia voluptuosamente em suas veias. Estava viva, latejante. Nua, inebriada pela febre e fome de tê-lo novamente.

Mantinha os lábios entreabertos, o olhar distante. Nas mãos trêmulas, o sagrado e secreto objeto, parte da vivência

que ainda lhe ardia, indício de sua paixão. Apertou o livro vermelho contra os seios, na tentativa de aplacar o sentimento cortante que lhe trazia desassossego. Ficou desolada ao pensar na beleza cruel das memórias afetivas, seu desejo passava violentamente para uma atmosfera incorpórea, à medida que percebia apenas a ausência do homem amado rondando-lhe. Estava sozinha no silêncio branco da biblioteca, sangrando memórias amorosas entre os livros.

A lembrança apunhalava suas têmporas, queria saber o final do romance, não houve tempo para que ele terminasse a leitura, não houve muito mais tempo para o amor. Ela queria carregar aquele livro para sempre, para onde quer que fosse, o exemplar dele não era tão bonito quanto o da biblioteca, aquela capa vermelha agora cativava seus olhos furiosos de saudade. A voz e o riso dele entorpeceram-na inteira, ela era um pássaro queimando entre os dedos dele, luxuriosa ave desejando o voo mais alto, o beijo e o delírio abissais.

Nina deitou o livro na estante, ela sabia que deveria deixá-lo ali. Era preciso iniciar o afastamento daquelas lembranças cálidas, ela queria sentir-se novamente inteira, estava despedaçada, era ainda uma mulher apaixonada, sofria os dilaceramentos da solidão. Sozinha, mas viva, a vida gritava-lhe imperiosa, o amante desaparecera, mas ainda

havia amor e desejo dentro dela, havia tanta vida que não poderia ser desperdiçada.

Pegou sua bolsa e desceu as escadas na penumbra. Caminhou lentamente até seu pequeno apartamento, sem música ou fumaça nos lábios. Ao chegar, despiu-se frente ao espelho, sentiu que não poderia ser mais a mesma mulher, não depois de ter vivido aquela história. Percebeu que poderia ser outra. Nova, impetuosa, em busca da plenitude como fêmea que resiste, sente e ama. Não mais fez suas visitas à biblioteca.

Após algum tempo, num dia quente de janeiro, resolveu entrar naquele lugar que tanto adorava, procurou o livro de capa vermelha, ainda estava lá, como se esperasse por ela. Tomou-o ávida, e, enfim, selou a leitura, saboreando-o vagarosamente.

Pássaro sem asa

Cyelle Carmem

Naquele dia, eu nem pensaria em ficar em casa. Meus dias de reclusão haviam, de fato, acabado. A gripe me deixou em paz e, enfim, eu poderia colocar os pés na rua e desbravar o que ainda não tinha sido visto e sentido. Eu voltaria para meu pequeno quitinete após um longo passeio sozinha, por lugares não previamente determinados. A intenção era deixar minhas pernas me guiarem até onde elas quisessem. Mas, alguma coisa me faria mudar de planos.

O telefone tocou insistentemente até que minha preguiça de sair da cama quentinha me soltasse para atendê-lo. O tal telefonema me levou direto para a mala cheia de roupa. Eu sempre estava pronta para partir de algum lugar, você sabe. Seu chamado tirou-me qualquer opção de liberdade.

À medida que eu fechava a mala, com poucas mudas de roupa, fui percebendo que eu tenho raízes mais

www.editorapenalux.com.br

penaluxeditora@gmail.com

/penaluxeditora